

## “METÁFORA É QUE NEM...”: COGNIÇÃO E DISCURSO NA METÁFORA SITUADA

Solange Vereza<sup>1</sup>

---

### RESUMO

O objetivo central deste artigo é propor uma articulação entre cognição e discurso como ferramenta conceitual para se compreender tanto o papel da metáfora na linguagem em uso, como o papel do uso na metaforicidade. Para isso, além de uma breve discussão teórica preliminar, quatro textos de diferentes gêneros, mas que têm em comum a linguagem metafórica como processo norteador da construção de sentidos, serão analisados sob a luz do conceito de “metáfora situada”, a ser aqui elaborado. Essa abordagem se insere no contexto dos estudos recentes da metáfora que formam, em seu conjunto, o que se pode pensar como “a virada discursiva” dentro do paradigma sociocognitivista da pesquisa em metáfora.

**Palavras-chave:** Metáfora situada. Cognição. Discurso. Frames.

---

### 1 INTRODUÇÃO

Parece haver um consenso, entre os estudiosos da metáfora, de que a teoria da metáfora conceptual (TMC), formalizada, em suas bases epistemológicas por Lakoff e Johnson (1980, [2002]) representou, e ainda representa, uma quebra de paradigma na pesquisa sobre essa importante figura de linguagem, que, a partir desse novo olhar, passou a ser abordada como uma figura de pensamento. De fato, o deslocamento teórico do lócus da metáfora da linguagem para o pensamento (VEREZA, 2010) foi um dos principais fatores responsáveis pela grande importância e, por que não dizer, inovação, da “virada cognitiva” resultante da TMC.

Nas últimas três décadas, após a publicação de *Metaphors we live by*, em 1980, a pesquisa floresceu e muito contribuiu para o entendimento da metáfora na linguagem, mas, principalmente, no pensamento. Como esse pensamento, na perspectiva da TMC, pode ter como base fundante tanto a corporeidade

(experiências sensório-motoras, de caráter mais universal (JOHNSON, 1990; LAKOFF E JOHNSON, 1999), quanto à dimensão cultural da experiência (KÖVECSES, 2005), estudar a metáfora passou a representar um importante instrumento para a compreensão do papel do corpo e da cultura, intermediados pela metáfora, na produção de sentidos.

Uma das primeiras críticas levantadas à TMC foi dirigida à circularidade no uso de exemplos “inventados” (DEIGNAN, 2005) por muitos pesquisadores para comprovar a existência de determinadas metáforas conceituais. Na obra de 1980, Lakoff e Johnson realmente apresentam evidências linguísticas que, a princípio, corroborariam a postulação das metáforas apresentadas, como, por exemplo, as inúmeras expressões no léxico como “ganhar” ou “perder” um debate, usar “estratégias”, “defender-se”, etc., como marcas da metáfora ARGUMENTO É GUERRA (na versão traduzida em português da obra, 2002, p. 46). Vereza (2009) questiona a adequação de se considerar tais exemplos como sendo “inventados”, pois quase todos são frutos da experiência dos autores como membros legítimos da comunidade discursiva de falantes de língua inglesa. Dessa forma, os exemplos, em sua grande maioria, realmente parecem, a outros falantes da mesma comunidade, pertencer a usos linguísticos legítimos dentro daquela comunidade. O uso do adjetivo “inventado” pode remeter à criação individual de expressões não existentes no repertório de uma dada língua, o que não parece ser o caso dos exemplos utilizados.

O que a crítica à legitimidade das evidências apresentadas em vários estudos da TMC parece realmente apontar é a não utilização de corpora autênticos que possam amparar empiricamente as hipóteses de metáforas conceituais sugeridas. Dentro de um contexto em que os estudos da linguagem lançam mão, com nítidos ganhos metodológicos, da linguística de *corpus* e do fácil acesso eletrônico a uma quantidade notável de dados (DEIGNAN, 2005; SARDINHA, 2011), recorrer a exemplos não provenientes dessa inesgotável fonte empírica de evidências pode parecer, a muitos, quase um “crime epistemológico”.

Nesse sentido, a utilização de corpora autênticos trouxe novo fôlego à pesquisa em metáfora, introduzindo o que podemos pensar como a primeira fase da “virada cognitivo-discursiva”, característica dos estudos que, em seu conjunto, pretendem ir “além da teoria contemporânea da metáfora” (GONÇALVEZ-GARCÍA et al., 2013). Já a segunda fase dessa “virada” tem como foco não apenas o uso de

corpora autênticos, mas também o estudo da metáfora no processo de significação do discurso “*online*”, em pleno acontecimento.

Essas duas fases, com ênfase na segunda, serão o objeto central deste artigo que, além de tratar dessa temática, irá propor, sem pretensões conclusivas, uma articulação entre cognição e discurso como ferramenta conceitual para se compreender tanto o papel da metáfora na linguagem em uso, como o papel do uso na metaforicidade. Para isso, além de uma breve discussão teórica, quatro textos de diferentes gêneros, tendo em comum a linguagem metafórica como processo norteador da construção de sentidos, serão analisados sob a luz do conceito de “metáfora situada”, a ser aqui elaborado.

## **2 A PRIMEIRA FASE COGNITIVO-DISCURSIVA: METÁFORA EM CORPORA AUTÊNTICOS**

Estudar a metáfora conceptual, principalmente em sua relação de interdependência com a cultura, tem se mostrado importante instrumento para se compreender os MCIs - Modelos Cognitivos Idealizados - (LAKOFF, 1987), estruturantes de “cenas culturais”, características de determinadas sociedades ou culturas. Nesse sentido, a metáfora estaria inserida na dimensão do sistema conceptual socialmente compartilhado, fazendo parte do discurso visto como organizador e estruturador da experiência do ponto de vista sociocognitivo; ou seja, o que podemos chamar, para fins operacionais de Discurso (com “D” maiúsculo). Assim, o pensamento ao qual a expressão “figura de pensamento” se refere é o pensamento coletivo, inconsciente e compartilhado, formador de e formado pela cultura, e não, ao contrário do que se pode, a princípio, imaginar, o pensamento individual ao qual podemos ter acesso conscientemente.

Pesquisas que procuram revelar essas metáforas subjacentes a cenas culturais e que se apoiam em corpora de linguagem em uso, portanto, adquirem uma dimensão discursiva, tanto no nível do pensamento como sistema, quanto da língua como sistema (STEEN, 2006). Essa linha de investigação pode ser ilustrada com algumas pesquisas desenvolvidas pelo grupo GESTUM<sup>2</sup>, que têm como foco: metáforas do conhecimento no discurso do professor (cena cultural: educação; ALMEIDA, 2012); metáforas da verdade em corpora jornalísticos (cena cultural: filosofia, LIMA, 2012); metáforas do tempo no discurso de mulheres urbanas e rurais

(cena cultural: filosofia/sociologia; FARACO, 2012), metáforas do sucesso em *blogs* (cena cultural: entretenimento; BRONZATO, 2012) e metáforas da guerra em corpora de textos governamentais publicados em um jornal norte-americano (cena cultural: política; CARVALHO, 2012), metáforas do “mal” como escuridão no texto bíblico (cena cultural: religião; PUENTE, 2013), entre outras.

Estudos como esses revelam, portanto, MCIs estruturados por metáforas conceituais, que fazem parte da maneira de pensar e falar sobre o mundo em determinadas culturas e línguas, a partir de marcas linguísticas que surgem em corpora formados por usos reais da linguagem.

### 3 SEGUNDA FASE DA VIRADA COGNITIVO-DISCURSIVA

O uso de corpora autênticos para se investigar cenas culturais pertencentes “ao mundo real” (GIBBS, 1999), no entanto, não parece ter satisfeito os críticos da TMC, que ainda questionam o excessivo foco colocado na metáfora no sistema conceitual, em detrimento dos aspectos discursivos da “metáfora em uso” (STEEN, 2006). Ou seja, mesmo com corpora autênticos, as pesquisas que seguem mais fielmente os princípios da TMC não dariam conta do papel e do funcionamento da metáfora no discurso (com “d” minúsculo, significando discurso *online*). Dessa forma, uma série de estudos, protagonizados, principalmente, por Cameron (2008), Cameron e Deignan (2006), Cameron e Maslen (2010), Cameron et al. (2009) e Semino (2008) passaram a direcionar seus questionamentos para a dimensão discursiva da metáfora, propondo unidades de análise como o *metaforema* (metáfora nova, emergente, local, vinculada a um sistema complexo, candidata a convencionalização) e *metáfora sistemática* (metáfora cognitiva subjacente ao discurso, situada, ao contrário da metáfora conceitual, em textos específicos, e evidenciada por marcas linguísticas metafóricas, ou veículos, presentes nesses textos).

Nessa mesma direção, o conceito de “nicho metafórico” (VEREZA, 2007; 2010) vem contribuir para o entendimento da metaforicidade textualmente tecida, a partir de desdobramentos textuais de uma ou mais metáforas locais e episódicas. Esse tipo de metáfora, a qual iremos nos referir como *metáfora situada*, constitui o foco do presente estudo e das breves análises a serem apresentadas mais adiante.

Podemos caracterizar uma metáfora situada como uma metáfora que, apesar de estruturar cognitivamente textos específicos, principalmente nichos metafóricos encontrados nesses textos, não precisa ser explicitada linguisticamente. No entanto, ao contrário da metáfora sistemática, ela conduz, cognitiva e discursivamente, todo um desdobramento, ou mapeamento textual, *online*, episódico, construindo um determinado objeto de discurso (MONDADA e DUBOIS, 2003), ou um ponto de vista, de uma maneira deliberada. Ou seja, a metáfora situada não é apenas discursiva por estar presente, mesmo que somente no nível cognitivo, na linguagem em uso; ela, de fato, encontra-se claramente na interface entre cognição e pragmática, ajudando-nos a compreender, sob um dado ângulo, a complexidade desse entrelace.

#### 4 A METÁFORA SITUADA EM NICHOS METAFÓRICOS: DISCURSO E COGNIÇÃO

As análises que seguem os textos 1 e 2 enfocam o funcionamento cognitivo-discursivo de metáforas situadas em nichos metafóricos. Mais especificamente, pretendem mostrar como a relação entre instâncias mais locais e episódicas da cognição, como metáforas situadas e frames *online*, articulam-se a outras mais estáveis, como as metáforas conceituais e frames *offline*.

##### Texto 1<sup>3</sup>

O queijo Gorgonzola é um queijo que a maioria das pessoas que eu conheço gosta. Gosta na salada, no pão, com vinho tinto, vinho branco, é um queijo delicioso, de sabor e aroma peculiares, uma invenção italiana, tem status de iguaria com seu sabor sofisticadíssimo, incomparável, vende aos quilos nos supermercados do Leblon, é caro e é podre. É um queijo contaminado por fungos, só fica bom depois que mofa. Para ficar gostoso tem que estar no ponto certo da deterioração da matéria. [...] Saibam: vou envelhecer até o ponto certo, como o Gorgonzola. Se Deus quiser, morrerei no ponto G da deterioração da matéria. Estou me tornando uma iguaria. Não sou mais um queijo Minas Frescal, não sou mais uma Ricota, não sou um queijo amarelo qualquer para um lanche sem compromisso. Não sou para qualquer um, nem para qualquer um dou bola, agora tenho status, sou um queijo Gorgonzola.

O texto 1 representa, em sua totalidade, um nicho metafórico que sustenta a argumentação pretendida, cuja tese central pode ser resumida na ideia de que a mulher de meia idade deve ser valorizada, uma vez que a idade a tornaria “melhor”. Para esse fim, um mapeamento textualmente desenvolvido é efetuado a partir da metáfora situada *Mulher mais velha é queijo gorgonzola*. Os elementos do domínio fonte (queijo gorgonzola) que são mobilizados na projeção *online* são aqueles que

correspondem aos aspectos positivos desse domínio e que podem realçar as qualidades do domínio alvo: o gorgonzola é sofisticado, é apreciado de diversas maneiras, por consumidores exigentes. O fato de o gorgonzola atingir a sua excelência após “mofar” (uma marca ou metonímia da passagem do tempo) estabelece um paralelismo semanticamente fundante no mapeamento: tanto o queijo como a mulher em foco são afetados pelo tempo. O que a princípio seria visto, em nossa cultura, como algo negativo – o que é evidenciado pela metáfora conceptual O TEMPO É INIMIGO (FARACO, 2012) –, é resignificado no texto por meio da metáfora situada e seus desdobramentos textualmente desenvolvidos, formando, em seu conjunto, um nicho metafórico claramente argumentativo. Mulher é gorgonzola é, portanto, uma metáfora deliberada, fio condutor da construção cognitivo-textual do objeto de discurso, proposta com a clara intenção de valorizar o que a princípio não é valorizado, por meio de projeções, episódicas ou locais, entre domínios, não necessariamente vistos, *a priori*, como semelhantes pelo senso comum. Como Lakoff e Johnson (1980[2002]) acreditam, a semelhança não precede a metáfora, mas é por ela construída (a semelhança entre um queijo qualquer e um ser humano não pode ser de modo algum pressuposta). No caso da metáfora situada, a construção cognitiva da semelhança, por ser de natureza *online*, torna-se ainda mais evidente do que no caso da metáfora conceptual, de natureza *off-line*.

Apesar de episódica e deliberada, a metáfora situada que dá base ao nicho metafórico parece ser sustentada sociocognitivamente e, portanto, reverter-se de coerência discursivo-cultural, por meio de uma metáfora conceptual bastante produtiva em nossa língua e cultura: MULHER É COMIDA, evocada, principalmente, na cena estético-erótica. Marcas da produtividade dessa metáfora seriam, por exemplo, os adjetivos “gostosa”, “filé” e o verbo “comer”, cujo frame (FILLMORE, 2006) enquadra a mulher como objeto comestível. Outras instanciações da mesma metáfora seriam as “mulheres-frutas”, cuja emergência, por ser bastante recente, não necessariamente fará, a longo prazo, parte do repertório lexical mais convencionalizado do português do Brasil.

O que vemos, portanto, neste nicho é o entrelace (VEREZA, 2013) entre frames *online* e *off-line*, metáforas situadas e metáfora conceptual (quadro 1) e entre discurso imerso no acontecimento, ou situado (**d**iscurso), e discurso como conjunto de frames e ideologias (**D**iscurso).

## Quadro 1

**Metáforas situadas:** *Mulher é queijo; mulher mais velha é gorgonzola.* Metáfora elaborada discursivamente por mapeamentos cognitivo-textuais. Metaforicidade deliberada → metáfora em uso

**Metáfora conceptual:** MULHER É COMIDA (exemplos de marcas linguísticas metafóricas: *mulher fruta; mulher filé; gostosa, comer mulher*). Metaforicidade evocada e motivadora → metáfora no sistema conceptual

O texto 2, um trecho de uma entrevista, é formado por dois pequenos nichos metafóricos, textual e cognitivamente relacionados, elaborados a partir de duas metáforas situadas: *a OGX é um paciente terminal* (nicho 1) e *O BNDES é antibiótico* (nicho 2), ambas marcadas explicitamente por símiles<sup>4</sup>.

## Texto 2<sup>5</sup>

Os executivos tentaram de tudo para salvar a empresa. Mas a OGX é como um paciente que o médico tenta curar, curar, mas a certa altura percebe que não há mais saída e desliga os aparelhos. [...] Já o BNDES é tão bom quanto o antibiótico. Trata-se de uma grande invenção que resolve problemas graves, mas se a pessoa tomar oito por dia vai acabar prejudicando a saúde. Se todo mundo ficar pendurado no BNDES, o país perde a competitividade.

Em ambos os nichos do texto 2, a argumentação é tecida por meio da “explicação” da metáfora, que corresponde a mapeamentos *online*. No primeiro caso, por que a OGX seria um paciente terminal? Porque *o médico tenta curar, curar, mas a certa altura percebe que não há mais saída e desliga os aparelhos*. A implicação retórica desse mapeamento conduz à conclusão de que a OGX não tem mais solução do ponto de vista financeiro, apesar de tudo que já foi feito para “salvá-la”. Assim, a própria empresa, o sistema financeiro, os bancos privados e públicos, os investidores e todos aqueles agentes que fizeram de tudo para que essa solução fosse encontrada assumiram, no domínio alvo, por meio do mapeamento textual, o papel dos médicos. Esses, por sua vez, seriam elementos do domínio fonte, o qual corresponderia a todo o frame relacionado à área da saúde e à falta dessa (doença, doença terminal, tratamento, médicos).

Esse mesmo mapeamento entre o domínio da economia e o da doença gera outras metáforas situadas, como a elaborada pelo Presidente Lula, ao tomar posse em 2002, quando comparou a economia a um paciente na UTI<sup>6</sup>, justificando, assim, a escolha de um médico (literal: o ministro Antonio Palocci) para “curá-la”, e, em 2006, quando afirmou que essa mesma economia, após “30 anos de atrofiamento,

está fazendo *cooper* na Av. Atlântica"<sup>7</sup>. Mais recentemente, em dezembro de 2013, o Ministro da Fazenda Guido Mantega, já no governo de Dilma Rousseff, afirmou, seguindo a mesma projeção, que “a Economia está crescendo com as duas pernas mancadas”<sup>8</sup>.

Como podemos ver no quadro 2, essas metáforas situadas, apesar de nitidamente criativas, deliberadas e episódicas (próprias de nichos específicos) causam, aparentemente, pouco estranhamento, pois se inserem em um sistema conceptual com elas coerente, estruturado pela metáfora conceptual ECONOMIA É UM ORGANISMO (que vai bem, que vai mal), amplamente investigada por Urbonaitė e Seskauskienė (2007), em um estudo comparativo entre inglês e lituano. Essa metáfora, submetida a um processo de personificação, refina-se em uma outra: ECONOMIA É ESTADO DE SAÚDE. Poder-se ia argumentar que a metáfora conceptual mais apropriada seria, simplesmente, ECONOMIA É SER HUMANO. No entanto, o aspecto do ser humano que está sendo mapeado é apenas o seu estado de saúde, ao contrário, por exemplo, do domínio-alvo mais específico “mercado”(mercado financeiro). Nesse último caso, poderíamos, de fato, ampliar o domínio fonte para *ser humano*; afinal, o mercado “reage”, “sofre”, “fica nervoso”, “acalma-se”, “tranquiliza-se”, “prevê”, “ilude-se”, etc., o que não é o caso da economia nas metáforas aqui tratadas, que evocam apenas o *frame* da saúde, e não o das reações emocionais do ser humano.

Ainda no texto 2, a metáfora situada que tem o “BNDES” como alvo (na dinâmica cognitiva) ou tópico (na dinâmica textual) seria licenciada pela mesma metáfora conceptual que projeta o domínio da saúde sobre a economia. No entanto, o BNDES, aqui, é o agente do tratamento ou da cura, ou seja, o remédio, e não o paciente, que, como podemos inferir, seriam, no domínio alvo, as empresas - entre elas a OGX - que obtêm financiamento do Banco de Desenvolvimento Econômico e Social. Pelo conhecimento de mundo, parte do senso comum, acerca dos elementos básicos que compõem o domínio da saúde, e pelo efeito intersubjetivo e afetivo (*pathos*) que esse domínio sociocognitivo produz, metáforas situadas que nele se apoiam parecem ter um potencial argumentativo bastante significativo. O quadro 2 resume o entrelace entre os níveis episódicos e estáveis que estrutura, cognitivamente-discursivamente, o texto 2.



## Quadro 2

**Metáforas situadas:** *OGX é um paciente terminal; BNDES é antibiótico.*

Metáforas elaboradas discursivamente por mapeamentos cognitivo-textuais. Metaforicidade deliberada → metáfora em uso

**Metáforas conceptuais:** ECONOMIA É UM ORGANISMO; ECONOMIA É ESTADO DE SAÚDE DE SER HUMANO. Metaforicidade evocada e motivadora; não deliberada → metáfora no sistema conceptual

## 5 METÁFORA SITUADA EM MEMES

Os nichos metafóricos discutidos na seção anterior, como pudemos observar, tecem uma argumentação a partir de mapeamentos locais, que poderiam ser entendidos como desdobramentos textuais de metáforas situadas, deliberadas, que, mesmo não sendo sempre textualmente explicitadas (na forma *x é y*) conferem coerência e unidade cognitiva ao discurso *online*. Procuramos mostrar, em nossa breve análise, que essa dimensão local, situada e episódica, articula-se a instâncias mais estáveis, como frames *off-line* e metáforas conceptuais, na produção de sentidos e, mais especificamente, no desenvolvimento da argumentação.

O quadro 3 esquematiza o entrelace entre os níveis episódicos e estáveis que procuramos aqui defender:

## Quadro 3

NIVEL (sistema)	ESTÁVEL →	←	NIVEL (uso)	EPISÓDICO
Metáfora conceptuais	→	←	Metáforas situadas	
<i>Frames offline</i>	→	←	<i>Frames online</i>	
Discurso			Discurso	

Os textos 1 e 2, discutidos na seção anterior, pertencem ao gênero crônica e entrevista, respectivamente, sendo que ambos desenvolvem uma estrutura retórica

de base argumentativa. Ou seja, neles, pontos de vista específicos estão sendo claramente defendidos. Na construção textual e cognitiva de seus argumentos, os textos estabelecem o que aqui chamamos entrelace entre níveis estáveis e instáveis de sentidos, como apresentado no quadro 3.

No entanto, ao explorarmos as metáforas situadas em outros gêneros, como os *memes de internet*, a identificação e a análise desse entrelace tornam-se, como procuraremos mostrar, uma tarefa bem mais complexa.

Segundo Milner, (2012, p. 12) meme:

é um termo cunhado pelo biólogo Richard Dawkins para descrever o fluxo, a mutação e a evolução da cultura; ou seja, seria um equivalente cultural do gene. O termo evoluiu dentro de comunidades virtuais e está migrando para o discurso público. Nesse sentido emergente, memes são artefatos de mídia amadores, extensivamente remixados, compartilhados e recirculados por diferentes participantes nas redes sociais.<sup>9</sup>

Em relação ao seu formato e propósito comunicativo, Milner (2012) observa que os memes são gêneros multimodais, em que imagem e texto interagem para contar uma piada, fazer uma observação que se julga interessante ou propor um argumento. Nos vários memes por nós investigados, todos postados na rede social *Facebook*, verificamos a predominância de mensagens humorísticas e outras de cunho moral, proverbial. Essas últimas podem ser consideradas do campo da autoajuda, pelo seu teor supostamente “edificante” e, portanto, seriam de natureza argumentativa, por defenderem um dado ponto de vista, um olhar sobre determinados aspectos da vida.

O que interessa para o presente trabalho é o fato de muitos dos memes estudados proporem metáforas – ou desconstrução ou paródia de metáforas - para criar humor ou desenvolver um argumento. E, por serem deliberadas, criativas, episódicas e *online*, as metáforas podem ser caracterizadas como metáforas situadas.

Nos memes das figuras 1 e 2, a metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM é recrutada para a criação de metáforas situadas:

Figura 1



Fonte: Fonte: <https://www.facebook.com/FaceLove.oficial>

Figura 2



Fonte: <http://kdfrases.com/frase/91252><http://kdfrases.com/frase/9125>

No primeiro caso (figura 1), o domínio alvo *vida* é mapeado como um *caminho* a ser “percorrido”, a ser “trilhado”, em que “tropeçamos” e “levantamos”. Assim, “calçar o sapato” do outro produz o efeito de se colocar na situação do outro: só com os “meus sapatos” e percorrendo o “meu caminho”, alguém poderá compreender o que passei no meu caminhar e, assim, julgar a minha vida ou o meu caráter (as minhas escolhas nesse caminho). Aqui, a metáfora situada *a vida é uma viagem* coincide com a metáfora conceptual *A VIDA É UMA VIAGEM*, sendo que a primeira (a metáfora situada) pode ser vista como um desdobramento conceptual da segunda, subjazendo, ao mesmo tempo, aos desdobramentos *online*, textualmente construídos por meio de uma série de veículos metafóricos, como os acima indicados.

No segundo meme (figura 2), a metáfora situada *a vida é como andar de*

*bicicleta* é linguisticamente explicitada logo no início do pequeno texto, e a sua relação com a metáfora conceptual subjacente A VIDA É UMA VIAGEM é menos direta do que no meme da figura 1. Andar de bicicleta, no *frame* do domínio-fonte (viagem), é uma forma de viajar, como andar de trem, de carro, de barco. Portanto, pela sua especificidade, a metáfora situada em questão não chega a ser uma metáfora conceptual, mas sim um desdobramento cognitivo de A VIDA É UMA VIAGEM, que estrutura cognitivamente todo o meme.

O segundo período do mesmo meme (figura 2), que, em termos pragmáticos, “explica” a metáfora: viver é igual a andar de bicicleta porque, como andar de bicicleta, é necessário estar em movimento (ou pedalando) para manter-se equilibrado. No domínio alvo, infere-se, então, a projeção: não podemos ter uma atitude passiva (“parada”) diante da vida para estarmos “equilibrados” (no sentido moral e psicológico), projeção essa também licenciada pela metáfora primária EQUILÍBRIO MENTAL É EQUILÍBRIO FÍSICO. Dessa forma, ao criar no discurso um *frame online* (HOUGAARD e OAKLEY, 2008) que faz um paralelo entre o viver e o andar de bicicleta e, ao fornecer a “explicação” (o *ground* da metáfora situada), a mensagem de conteúdo moral se reveste de autenticidade, mesmo que contestável, de caráter cognitivo-discursivo, fortalecendo, assim, a argumentação.

Infere-se, portanto, com alguma clareza, o entrelace entre os níveis episódicos e estáveis da metaforicidade em ambos os memes analisados. Por outro lado, os memes das figuras 3 e 4 ilustram a dificuldade, ou pelo menos, a complexidade, de se identificar, com a mesma clareza, tal entrelace, principalmente quando, no nível estável, esse se remete a metáforas conceptuais subjacentes.

O primeiro meme (figura 3) insere-se na interface entre humor e mensagem moral. Em outras palavras, uma mensagem moral do que seria de fato “ser amigo” é construída por meio de uma imagem, de uma certa forma humorística, sendo que o humor se dá pelo inusitado da projeção efetuada pela metáfora situada, *amigo é parafuso*, e pela explicação subsequente da projeção. Nessa, esclarece-se que o elemento do domínio fonte “parafuso” – que, para “servir”(ser bom) teria que funcionar na hora de ser apertado em uma superfície, ou seja, na hora do aperto - é mapeado no alvo “amigo bom”, o qual, por sua vez, só “serve” (só se mostra como bom) na hora do aperto (na hora em que precisamos de ajuda). A polissemia, de base metafórica, de “aperto” (aperto físico e aperto como situação difícil) é trazida à tona para que a analogia se efetue. Dessa forma, o mapeamento, que consiste dos

desdobramentos textuais da metáfora situada proposta, é construído todo *online* e é, portanto, fundamentalmente episódico.

O meme da figura 4, da mesma forma, tem o propósito de criar humor pela introdução de uma projeção inusitada marcada pela metáfora situada *carteira é cebola* e pela subsequente explicação inesperada. Do domínio fonte “cebola”, projeta-se o elemento, que é, ao mesmo tempo, uma característica da cebola, “fazer chorar”, sobre o domínio alvo “carteira”. Como a imagem mostra uma carteira vazia, pode-se inferir que uma carteira vazia, como a cebola, faz chorar. O humor não está nessa inferência em si (carteira vazia faz chorar), mas no inusitado da projeção e, principalmente, no mapeamento específico que é feito e linguisticamente explorado na explicação ou explicitação do *ground* da metáfora situada.

**Figura 3**



Fonte: <http://www.caburee.com.br/Enviar.aspx?IdMidia=52>

**Figura 4**



Fonte: <http://imagensparafacebook.com/imagens-facebook/protesto/minha-carteira-e-igual-a-cebola.html>

Tanto na figura 3 quanto na 4, as metáforas situadas são episódicas, locais e metadiscursivas, e é justamente essa condição que cria o “insight”, que resultaria no humor e/ou entendimento pretendido.

Em ambos os casos, identificar uma metáfora conceptual subjacente e motivadora torna-se, a meu ver, um empreendimento infrutífero. Poder-se-ia pensar em esquemas imagéticos (JOHNSON, 1990; LAKOFF, 1987), como sistema, conceptual estruturante e motivador, como, por exemplo, o esquema *contêiner* para o caso da carteira/cebola. No entanto, estabelecer essas relações não parece ser um passo epistemológica e analiticamente relevante ou produtivo. A metáfora conceptual, em si, não precisa estar na base de todas as metáforas situadas. Isso, de modo algum, enfraquece o conceito, que surge muito clara e fortemente em vários outros casos de linguagem metafórica. Essa questão vem se juntar à polêmica (GIBBS, 2011; STEEN, 2011 e MULLER, 2011) em torno da metáfora criativa e deliberada e o aparente compromisso de se estabelecer uma articulação entre marcas linguísticas metafóricas (ou, no nosso caso, metáforas situadas) com metáforas conceptuais estruturantes e licenciadoras de linguagem metafórica.

Na aparente busca de se estabelecer esse compromisso para todos os casos, a teoria da metáfora conceptual se enfraquece, pois, não raramente, propõem-se metáforas conceptuais inadequadas para o caso em questão, como, por exemplo, metáforas conceptuais hipotéticas como “AMIGO É FERRAMENTA” ou “ACESSÓRIO É VEGETAL” para as metáforas situadas das figuras 3 e 4. Mesmo que essas procedessem, ou que houvesse propostas de outras metáforas conceptuais, o que é relevante nos casos estudados é a natureza situada da metaforicidade, pois o “jogo de linguagem” (para usar um termo wittgensteiniano) é efetuado por meio de um ato comunicativo deliberado, metacognitivo, que tem no próprio processo metafórico a sua motivação. O possível impacto discursivo e potencial “viral” dos memes parece residir justamente no seu alto grau de não-convencionalidade, significativamente promovido pelo uso inaugural de metáforas situadas, caracterizadas por mapeamentos inusitados, não sendo fácil nem diretamente associados a metáforas conceptuais, cuja convencionalidade, ao contrário das situadas, lhes é inerente.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Steen (2006), ao propor uma diferenciação entre metáfora na linguagem como sistema, metáfora na linguagem como uso, metáfora no pensamento como sistema e metáfora no pensamento como uso, indica em que dimensão o olhar sobre a metáfora deve se direcionar, de acordo com a especificidade do *corpus*, do fenômeno metafórico em si e, principalmente, das perguntas de pesquisa que norteiam a reflexão. Na perspectiva da metáfora da linguagem como sistema, por exemplo, a gramática das construções seria um exemplo de como a metáfora pode estar na base de determinadas construções gramaticais (BRONZATO, 2012; MIRANDA, 2009); já as metáforas conceptuais emergiriam na perspectiva da metáfora no pensamento como sistema. A dimensão do sistema, portanto, corresponde àquela que, neste trabalho, vemos como estável e *off-line*, ressaltando, porém, a sua natureza sistemática: as instâncias que nela “habitam” não são aleatórias, pois tanto motivam quanto são motivadas pela dimensão do uso. Nesse último nível, ou seja, o nível do uso, tanto no caso da linguagem como no do pensamento, a metáfora entra no âmbito do discurso, do instável, do episódico, do acontecimento.

A instabilidade do uso, no entanto, como vimos nas análises desenvolvidas neste trabalho, não implica um rompimento com a dimensão estável, *off-line*. A articulação entre os dois níveis, nos textos 1 e 2, (nichos metafóricos) e nos dois primeiros memes (figuras 1 e 2) mostrou-se evidente, principalmente através das relações cognitivo-discursivas estabelecidas com metáforas conceptuais subjacentes (MULHER É COMIDA, ECONOMIA É ORGANISMO, A VIDA É UMA VIAGEM, respectivamente).

Mesmo no caso dos dois últimos memes (figura 3 e 4), em que não foram identificadas metáforas conceptuais que pudessem dar coerência sistemática às metáforas situadas encontradas, não se pode descartar uma articulação com níveis mais estáveis. Nesses dois casos, as metáforas situadas apoiam-se em frames locais, *online*, construídos deliberadamente no próprio texto multimodal. Porém, para que essas metáforas produzam efeitos de sentido, frames *off-line* são inevitavelmente evocados, nos dois casos específicos, o frame de parafuso (como esse é usado), de amigo e de carteira vazia (por que uma carteira vazia faria alguém chorar?), respectivamente. Até mesmo o *frame* para o gênero “meme” é aqui

recrutado. Sem *frames off-line* para sustentá-la, portanto, a metaforicidade online, por mais insumo textual que possa receber por meio de mapeamentos locais, cairia em um vácuo de sentidos.

Concluímos, então, com uma breve citação de Salomão (2013), que expressa, com precisão, a natureza do entrelace, ou interdependência, entre cognição e discurso, ou o estável e o instável, que fundamenta a reflexão e a análise propostas neste trabalho: “Qualquer processo de significação assenta sobre uma situação fundante, ou seja, sobre um suporte conceptual estruturado, que a expressão perfila de modo específico” (SALOMÃO, 2013).

## NOTAS

<sup>1</sup> Solange Vereza é doutora pela PUC-SP e Pós-doutora pela USP. Tem experiência nas áreas de Teoria e Análise Linguística e Linguística Aplicada, atuando e publicando, principalmente, nos seguintes campos: metáfora, argumentação e leitura. É professora Associada da Universidade Federal Fluminense, onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Coordenou o GT Linguística e Cognição da ANPOLL.

<sup>2</sup> Grupo de Estudos da metáfora- GESTUM, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, coordenado por Solange Vereza.

<sup>3</sup> Texto de Clarice Niskier, publicado no website <http://asmeninasonline.com/maiteproenca/ponto-g/>

<sup>4</sup> Alguns atores (ZHARIKOV e GENTNER, 2002) creem que símiles e metáforas não representariam o mesmo fenômeno linguístico e/ou discursivo. Além de não seguirem o mesmo padrão clássico da metáfora (A é B), o símile não teria a mesma força cognitiva dessa figura. Sem querer entrar no mérito da discussão, mesmo considerando-a relevante, neste trabalho, para efeitos operacionais, abordo símiles como marcas linguístico-discursivas que explicitam metáforas situadas, tornando-as um ato comunicativo meta-discursivo.

<sup>5</sup> André Esteves – entrevista à Revista Veja. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/entrevista-andre-esteves-o-banqueiro-convocado-para-salvar-eike-batista-o-brasil-esta-perdendo-o-jogo/>

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.folhadaregio.com.br/Materia.php?id=26253>

<sup>7</sup> Fonte: [http://g1.globo.com/Noticias/Economia\\_Negocios/0,,MUL139961-9356,00-LULA+DIZ+TER+TIRADO+ECONOMIA+DE+ANOS+NA+UTI.html](http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL139961-9356,00-LULA+DIZ+TER+TIRADO+ECONOMIA+DE+ANOS+NA+UTI.html)

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.infomoney.com.br/mercados/noticia/3098928/mantega-diz-que-economia-brasileira-esta-crescendo-manca-das-duasLula>

<sup>9</sup> ‘Meme’ is a term coined by biologist Richard Dawkins to describe the flow, flux, mutation, and evolution of culture, a cultural counter to the gene. But the term has evolved within many online collectives, and is shifting in public discourse. In this emerging sense, ‘memes’ are amateur media artifacts, extensively remixed and recirculated by different participants on social media networks. (Minha tradução).



---

## “METAPHOR IS LIKE...”: COGNITION AND DISCOURSE IN SITUATED METAPHORS

### ABSTRACT

The aim of this paper is to propose an articulation between cognition and discourse as a conceptual tool to understand both the role of metaphor in language in use and the role of use in determining metaphoricity. To this end, besides a preliminary theoretical discussion, four texts of different genres, which have in common metaphorical language as a guiding process in meaning construction, will be analysed under the light of the concept of “situated metaphor”, to be elaborated here. This approach is inserted into the context of recent metaphor studies, which, together, form what can be thought of as ‘a discursive turn’ within the sociocognitive paradigm in metaphor research.

**Keywords:** Situated metaphors. Cognition. Discourse. Frames.

---

### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. L. T. Metáfora do conhecimento no discurso e práticas de professores do ensino fundamental. In: VEREZA, S. C. *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: EDUFF, 2012. p.153-192.
- BRONZATO, L. H. O segredo do sucesso que a gramática e a metáfora não escondem. In: VEREZA, S. C. *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: EDUFF, 2012. p. 179-196.
- CARVALHO, S. N. Palavras em guerra: as metáforas nos discursos de G. H. Bush e seus colaboradores sobre o 11 de setembro. In: VEREZA, S. C. *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: EDUFF, 2012. p. 213-256
- CAMERON, L. Metaphor shifting in the dynamics of talk. In: ZANOTTO, M. S. et al. (Orgs.). *Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- CAMERON, L.; DEIGNAN, A. The emergence of metaphor in discourse. *Applied Linguistics*, [s.l.], n. 27(4), p. 671-690, 2006.

CAMERON, L.; MASLEN, R. (Orgs.). *Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities*. London: Equinox, 2010.

CAMERON, L. et al. The discourse dynamics approach to metaphor and metaphor-led discourse analysis. *Metaphor and Symbol*, [s.l.], 24(2), p. 63-89, 2009.

DEIGNAN, A. *Metaphor and corpus linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

FARACO, S. P. D. Conceptualizações metafóricas de tempo no discurso de mulheres brasileiras. In: VEREZA, S. C. *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: EDUFF, 2012. p. 65-118.

FILLMORE, C. Frame semantics. In: GEERAERTS, G. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2006. p. 373-400.

GIBBS, R. W. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: GIBBS, R.; STEEN, G. (Orgs.). *Metaphor in cognitive linguistic*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p.125-144.

\_\_\_\_\_. Are 'deliberate' metaphors really deliberate? A question of human consciousness and action. *Metaphor and the Social World 1:1*, p. 26-52, 2011.

GONÇÁLVES-GARCÍA, F. et al. *Metaphor and metonymy revisited beyond the contemporary theory of metaphor: recent developments and applications*. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

HOUGAARD, A.; OAKLEY, T. *Mental spaces in discourse and interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University Of Chicago Press, 1990.

KOVECSES, Z. *Metaphor and culture*. Cambridge: CUP, 2005.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press: 1980.

\_\_\_\_\_. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. Nova Iorque: Basic Books, 1999.

\_\_\_\_\_. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Grupo GEIM. Campinas: Mercado de Letras/EDUC, 2002.

LIMA, C. R. G. M. Sob máscaras e véus: as bases metafóricas do conhecimento da verdade. In: VEREZA, S. C. *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: EDUFF, 2012. p. 119-152.

MILNER, R. *The world made meme: discourse and identity in participatory media*. Lawrence: The University of Kansas, 2012.

MIRANDA, N. S. Construções gramaticais e metáfora. *Revista Gragoatá*, n. 26, p. 61-80, 2009.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTI, M. M. et al. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MULLER, C. Are 'deliberate' metaphors really deliberate? A question of human consciousness and action. *Metaphor and the Social World 1:1*, 2011. p. 61-66.

PUENTE, R. L. *As metáforas negras no texto bíblico*. 2013. Dissertação (Mestrado)– Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SALOMÃO, M. M. *A perspectiva sociocognitiva da linguagem e o fenômeno interacional*. Palestra plenária apresentada no I Colóquio Linguagem e Cognição em Interação. Campinas: Unicamp, nov. 2013.

SARDINHA, T. B. Metaphor and corpus linguistics. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. n. 2, v. 11. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198463982011000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198463982011000200004&script=sci_arttext)>. Acesso em: dez. 2013.

SEMINO, E. *Metaphor in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

STEEN, G. Metaphor in applied linguistics: four cognitive approaches. *D.E.L.T.A*, n. 22, p. 21-44, 2006.

\_\_\_\_\_. What does 'really deliberate' really mean? More thoughts on metaphor and consciousness. *Metaphor and the Social World 1:1*, p. 53-56, 2011.

URBONAITÉ, J.; ŠEŠKAUSKIEN, I. Health metaphor in political and economic discourse: a cross-linguistic analysis. *Studies about language*, n.11, p-68-73, 2007.

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007

\_\_\_\_\_. Exploring metaphors in corpora: a study of 'war' in corpus generated data In: ZANOTTO, M. S. et al. *Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach*. Amsterdam: J. Benjamins, 2008. p 163-178.

\_\_\_\_\_. Exploring metaphors in corpora: a study of war in corpus generated data. In: ZANOTTO, M. S. et al. (Orgs.). *Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 163-178.

\_\_\_\_\_. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, p. 199-212, 2010.

\_\_\_\_\_. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 1, v. 55, p. 109-25, 2013.

ZHARIKOV, S.; GENTNER, D. Why do metaphors seem deeper than similes? In: GRAY, W. D.; SCHUNN, C. D. (Orgs.). *Proceedings of the Twenty-Fourth Annual Conference of the Cognitive Science Society*. Fairfax: George Mason University, 2002. p. 976-981.